

fez-lhe querela e deu-lhe as cartas d'el rei dom Afonso de Portugal, e el rei mandou-o logo emprazar, que veesse logo a ele e que trouxesse consigo dona Maria Paez Ribeira. E el, como foi emprazado, veo-se logo a el rei, a Castel Rodrigo, per conselho de dona Maria Paez Ribeira, que lhe dizia que era bem de ir a el rei e poer avença antre el e seu irmão, ca el nom quisera ir se o ela nom conselhara.

E quando foi a el rei a Castel Rodrigo, levou consigo a dita dona Maria Paez Ribeira, e tanto que chegarom a el rei, leixou-se cair em terra, e fez-lhe querela de como a Gomez Lourenço rousara, e de como a trouvera por força de Portugal pera terra de Leom e de como a trazia na terra d'el rei de Leom forçada e por força. E pedio-lhe a el rei por mercee que lhe alçasse del força e que lhe fizesse del justiça pela força que em ela fezera. E el rei disse a Gomez Lourenço que respondesse ao que dissera dona Maria Paez Ribeira. E el disse que verdade era o que ela dizia, que a rousara, mais que ela lhe dissera que viesse ante el rei e que faria a dom Pero Paez Ribeiro, seu irmão, que lhe perdoasse, e demais que casaria com ela. E ela disse que esto lhe nom dissera senom pera o trazer ante el rei, pera haver corre-gido o mal que lhe fizera, ca per outra guisa nom poderia del vingada seer. E el rei mandou-o matar por elo.

LL 36BN9

## V

### NARRATIVAS DE FUNDO MÍTICO

O *Livro de Linhagens* inclui algumas narrativas míticas com a característica comum de nenhuma delas provir de tradições portuguesas. Aquelas cujo elemento fantástico é mais intenso, são as três que provêm da Biscaia e que pertenciam provavelmente à mesma fonte, da qual não se conhece hoje nenhum outro testemunho, segundo informação oral do Prof. José Angel García de Cortázar. Tanto estas como as outras, com excepção da que fala na origem dos Velosos (n.º 4), sugerem contactos com o mundo ou a mentalidade céltica, pela forma como fazem intervir o sobrenatural na vida humana e pelas concepções mágicas que pressupõem.

Na primeira, até o pormenor da origem insular do herói, D. Froom, vem sugerir a procedência céltica. Embora não possamos explicar com rigor o significado das cores dos animais pagos como tributo, elas têm, sem dúvida, um sentido, assim como o do campo manchado de sangue. Este pormenor procura explicar a origem do nome do lugar. É, pois, uma lenda etiológica. O sentido global do trecho, porém, destina-se a explicar a relativa independência política do senhorio de Biscaia. Tendo esta sido alcançada durante o século XIII, conclui-se que a lenda popular que provêm do nome do campo só por esta época foi aplicada à história das origens da independência do senhorio. O texto, porém, na versão do *Livro de Linhagens*, foi recolhido depois da morte de D. João «o Torto», aqui mencionada, ou seja depois de 1328.

A velha lenda da Dama do Pé de Cabra constitui uma versão de um conto muito conhecido em toda a Europa e que foi igualmente adaptado à origem de várias famílias, entre as quais à mais célebre, a de Lusignan, que teria nascido de Melusina, a feiticeira aquática. No *Livro de Linhagens* existe outra versão do mesmo conto, o de D. Marinha, proveniente de outra região da Península, a Galiza.

O elemento comum de todos estes contos é a origem sobrenatural da mulher, que vem da floresta ou das águas, quer dizer dos espaços da natureza onde dominavam as forças que o homem não podia controlar e onde ele julgava que se teriam refugiado as potências extraterrenas, meio demoníacas, depois das conquistas do cristianismo. Potências que, apesar de consideradas adversas, ameaçadoras, pelos clérigos, se podiam apaziguar ou tornar benéficas por meio de acções mágicas. Os clérigos condenavam-nas mas ninguém deixava de as praticar. A união de um cavaleiro com a mulher que encarna tais forças, explicaria, aos olhos dos homens da época, o poder, a importância social ou a ambição de uma linhagem, sublinhava a ousadia dos seus membros, a sua prosperidade ou outras características invulgares. O casamento com a mulher vinda da floresta ou das águas não representa, porém, apenas, o pacto com as forças ocultas da natureza, mas também a luta da humanidade regenerada pelo cristianismo com as potências demoníacas que constantemente o tentam. Este segundo aspecto encontra-se no duplo interdito infringido pelo cavaleiro: um, implícito, o cristão, de não utilizar processos mágicos para alcançar poderes sobre-humanos; outro, o imposto pela mulher, instrumento do paganismo, de o cavaleiro não se benzer. A desobediência a este último significa o triunfo do cristianismo sobre o paganismo, e do homem sobre a mulher. Mas o conto não condena radicalmente o pacto com forças ocultas, pois o seu significado é justamente o de explicar o poder excepcional da família. A fama mágica de que os Haros gozavam, acentua-se no conto seguinte, em que a Dama do Pé de Cabra, apesar de ter regressado à floresta, continua a proteger o filho e o marido.

No caso de D. Marinha, o interdito desapareceu, para se exprimir apenas a incompatibilidade entre uma natureza desumana, muda, meio animal, e o mundo redimido pelo cristianismo. Só o

longo convívio com a sociedade — a civilização —, a ameaça da perda do filho, que põe à prova e garante os sentimentos humanos da mulher, acabam por exorcizar definitivamente o que ela tinha de selvagem. Só depois pode casar sacramentalmente.

Embora este mito seja muito antigo, a sua aplicação à origem de uma família não o é tanto. Jacques le Goff, que estudou cuidadosamente a sua origem e numerosas versões («Mélusine maternelle et défricheuse. Le dossier médiéval», in *Annales, E.S.C.*, 26, 1971, 587-594), encontrou os primeiros testemunhos ocidentais e escritos num conto do fim do século XII e princípios do século XIII e só mais tarde a sua adaptação a um tema linhagístico. As versões da Biscaia e da Galiza que devem, portanto, nascer igualmente no século XIII, resultam de um estado de espírito semelhante e têm o mesmo significado. Enquanto que na França se destinavam a explicar o carácter empreendedor de uma família capaz de dominar a natureza pelos meios técnicos, na Península, sobretudo no caso dos Haros, devia ter mantido o carácter primitivo, isto é, significar a capacidade para pôr em acção poderes mágicos pelo domínio de forças ocultas. D. Mécia Lopes de Haro trouxe justamente essa fama para Portugal e era acusada de feitiçaria, quando casou com Sancho II.

Os poderes mágicos dos Haros exprimem-se também na história do cavalo Pardalo, dado pela Dama do Pé de Cabra a seu filho Eñiguez Guerra para libertar o marido, preso em Toledo. O cavalo fantástico e invencível, que percorre distâncias incréveis em pouco tempo, inspirou os mais diversos contos populares, sobretudo na Gasconha. Aqui, por vezes, é montado por vários cavaleiros e alonga-se como uma serpente ou um dragão, para matar aqueles mesmos que traz em cima. A versão mais conhecida constitui um dos episódios centrais do romance épico *Renaud de Montauban*, de que se destacou outro romance, *Les Quatre Fils Aymon*, e tem uma variante na *Chanson de Maugis*. Faz parte do ciclo carolíngio. Citemos, a este respeito, uma das cenas do primeiro túmulo de Egas Moniz, falecido em 1146. Representa uma história com três personagens: numa das cenas dormem na mesma cama; noutra cavalgam a mesma montada. Não se conseguiu ainda identificar a narrativa em que o túmulo se inspira, nem consequentemente donde procede. Em todo o caso não se exclui que tenha

## 2. A DAMA DO PÉ DE CABRA

Este dom Diego Lopez era mui boo monteiro, e estando ùu dia em sa armada atendendo quando verria o porco, ouvio cantar muita alta voz ùa molher em cima de ùa pena. E el foi pera la e vio-a seer mui fermosa e mui bem vistida, e namorou-se logo dela mui fortemente, e perguntou-lhe quem era. E ela lhe disse que era ùa molher de muito alto linhagem. E el lhe disse que pois era molher d'alto linhagem que casaria com ela se ela quisesse, ca ele era senhor daquela terra toda. E ela lhe disse que o faria se lhe promettesse que nunca se santificasse. E ele lho outorgou, e ela foi-se logo com ele. E esta dona era mui fermosa e mui bem feita em todo seu corpo, salvando que havia ùu pee forcado como pee de cabra. E viverom gram tempo, e houverom dous filhos, e ùu houve nome Enheguez Guerra e a outra foi molher e houve nome dona —.

E quando comiam de suum dom Diego Lopez e sa molher, asseentava el a par de si o filho, e ela asseentava a par de si a filha da outra parte. E ùu dia, foi ele a seu monte e matou ùu porco mui grande e trouxe-o pera sa casa e pose-o ante si u siia comendo com sa molher e com seus filhos. E lançaron ùu osso da mesa, e veerom a pelear ùu alão e ùa podenga sobr'ele em tal maneira que a podenga travou ao alão em a garganta e matou-o. E dom Diego Lopez, quando esto vio, teve-o por milagre, e sinou-se e disse: «Santa Maria val, quem vio nunca tal cousa!». E sa molher, quando o vio assi sinar, lançou mão na filha e no filho, e dom Diego Lopez travou do filho e nom lho quis deixar filhar. E ela recudio com a filha por ùa freesta do paaço, e foi-se pera as montanhas, em guisa que a nom virom mais, nem a filha.

LL 9A4

## 3. O CAVALO PARDALO

Depois, a cabo de tempo, foi este dom Diego Lopez a fazer mal aos Mouros, e prenderom-no e levarom-no pera Toledo preso. E a seu filho Enheguez Guerra pesava muito de sa prisom, e veo

falar com os da terra, per que maneira o poderia haver fora da prisom. E eles disserom que nom sabiam maneira por que o podessem haver, salvando se fosse aas montanhas e achasse sa madre; e que ela lhe daria como o tirasse. E el foi alá soo, em cima de seu cavalo, e achou-a em cima de ùa pena. E ela lhe disse: «Filho, Enheguez Guerra, vem a mim ca bem sei eu ao que vées». E el foi pera ela e ela lhe disse: «Vées a perguntar como tirarás teu padre da prisom». Entom chamou ùu cavalo que andava solto pelo monte, que havia nome Pardalo, e chamou-o per seu nome. E ela meteo ùu freo ao cavalo, que tiinha, e disse-lhe que nom fizesse força polo desselar nem polo desenfrear nem por lhe dar de comer nem de beber nem de ferrar; e disse-lhe que este cavalo lhe duraria em toda sa vida, e que nunca entraria em lide que nom vencesse dele. E disse-lhe que cavalgasse em ele e que o porria em Toledo, ante a porta u jazia seu padre, logo em esse dia, e que ante a porta u o cavalo o possesse, que ali decesse e que acharia seu padre estar em ùu curral, e que o filhasse pela mão e fizesse que queria falar com ele, e que o fosse tirando contra a porta u estava o cavalo. E des que ali fosse, que cavalgasse em o cavalo e que possesse seu padre ante si, e que ante noite seria em sa terra com seu padre. E assim foi.

E depois, a cabo de tempo, morreo dom Diego Lopez, e ficou a terra a seu filho, dom Enheguez Guerra. E algũs ha em Biscaia que disserom e dizem hoje em dia que esta sa madre de Enheguez Guerra que este é o couro de Bizcaia. E cada que i é o senhor de Bizcaia em ùa aldea que chamam Vusturio, todolos deventres das vacas que matam em sa casa, todolos manda poer em ùa peça fora da aldea, em ùa pena; e pela menhã nom acham i nada, e dizem que se o nom fizesse assi que algũu nojo receberia del em esse dia e neessa noite, em algũu escudeiro de sa casa, ou em algũa cousa de que se muito doesse. E esto sempre o assi passaram os senhores de Bizcaia ataa morte de dom Joham, o Torto. E algũs o quiserom provar de o nom fazer assi, e acharom-se mal. E mais dizem hoje em dia i, que jaz com algũas molheres i nas aldeas, ainda que nom queiram, e vem a elas em figura d'escudeiro, e todas aquelas com que jaz tornam escooradas.

LL 9A4

#### 4. A ORIGEM DOS VELOSOS

Este rei dom Ramiro de Leom houve ùa irmãa que houve nome a ifante dona Ermesenda, e era filha d'outra rainha, e era irmãa da madre do bispo Sam Fortes. Esta ifante dona Ermesenda nunca foi casada, e el rei dom Ramiro, seu irmão, fazia com ela mal a sa fazenda, e houve dela ùu filho em mui grande puridade, e foi engeitado dela a el rei seu padre, e mandou-o criar. E quando o desenvolverom dos panos, vi-o negro e mui feo e mui veloso, que nom semelhava senom besta selvagem, e mandou que lhe posessem nome Veloso. E aquel foi mui boo cavaleiro d'armas a maravilha, e tomou Cabreira e Ribeira a cavaleiros que se alçavam com ela a el rei. Este Veloso foi casado com dona Moninha, irmãa do conde dom Rodrigo Froiaz de Trastamara, [...], e fez em ela o conde dom Rodrigo, o Veloso.

LL 12A2

#### 5. DONA MARINHA

O primeiro foi ùu cavaleiro boo que houve nome dom Froiam, e era caçador e monteiro. E andando ùu dia em seu cavalo per riba do mar, a seu monte, achou ùa mulher marinha jazer dormindo na ribeira. E iam com ele tres escudeiros seus, e ela, quando os sentio, quise-se acolher ao mar, e eles forom tanto empos ela, ataa que a filharom, ante que se acolhesse ao mar. E depois que a filhou aaqueles que a tomarom fe-a poer em ùa besta, e levou-a pera sa casa.

E ela era mui fermosa, e el fe-a bautizar, que lhe nom caia tanto nome nem ùu como Marinha, porque saira do mar; e assi lhe pôs nome, e chamarom-lhe dona Marinha. E houve dela seus filhos, dos quaes houve ùu que houve nome Joham Froiaz Marinho.

E esta dona Marinha nom falava nemigalha. Dom Froiam amava-a muito e nunca lhe tantas cousas pode fazer que a podesse fazer falar. E ùu dia mandou fazer mui gram fugueira em seu paaço, e ela viinha de fora, e trazia aquele seu filho consigo, que

amava tanto como seu coração. E dom Froia foi filhar aquele filho seu e dela, e fez que o queria enviar ao fogo. E ela, com raiva do filho, esforçou de braadar, e com o braado deitou pela boca ùa peça de carne, e dali adiante falou. E dom Froia recebeo-a por molher e casou com ela.

LL 73A1